



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM  
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA**

**ZAETE FARIAS CARVALHO**

**ARGUMENTATIVIDADE NO GÊNERO NARRATIVO FÁBULA**

**ABAETETUBA – PA**

**2019**

ZAETE FARIAS CARVALHO

ARGUMENTATIVIDADE NO GÊNERO NARRATIVO FÁBULA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem do Campus de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Sousa Almeida de Macedo.

ABAETETUBA – PA

2019

ZAETE FARIAS CARVALHO

ARGUMENTATIVIDADE NO GÊNERO NARRATIVO FÁBULA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem do Campus de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa. Área de concentração: Linguística.

Aprovado em: 20/12/2019

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Patrícia Sousa Almeida de Macedo (UFPA)  
Presidente da Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Alessandro Nobre Galvão (UFPA)  
Membro Interno da Banca Examinadora

## ARGUMENTATIVIDADE NO GÊNERO NARRATIVO FÁBULA

Zaete Farias Carvalho

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo analisar como a sequência narrativa funciona em um texto do gênero fábula como estratégia argumentativa. Para atingir nosso propósito, tomaremos como base teórica a Abordagem da Argumentação no Discurso, proposta por Ruth Amossy (2018), os estudos da tese de Macedo (2018) e as colocações de Adam (2019), além de outros teóricos. Sobre a metodologia, faremos análise da estrutura sequencial de uma fábula animada publicada no You Tube, sob o título “A Fábula da Corrupção”. Com base nas teorias de apoio, no que concerne tanto à argumentatividade presente na narrativa como à sua composicionalidade, verificamos que o conjunto de acontecimentos ao longo da narrativa orienta, conforme o que postula Amossy (2019), os modos de pensar, de ver e de sentir do interlocutor.

**Palavras-Chave:** Argumentação no discurso; sequência narrativa; gênero fábula.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu de uma motivação que se deu a partir de uma aula observada no período de estágio supervisionado, em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental: a professora que ministrava a aula leu uma fábula para os seus alunos e, posteriormente, dialogou com eles sobre a questão da moral, contextualizando aquela história. O interesse e a motivação para escrever sobre esse gênero se deram por considerar bastante pertinente a relevância que a argumentação exerce em um texto, seja ele oral ou escrito.

É interessante aprofundar os estudos sobre essa experiência, uma vez que, como aluna concluinte do Curso de Letras e como futura professora de língua portuguesa, considero relevante e oportuna uma pesquisa sobre as estratégias argumentativas presentes em um texto; além, é claro, de poder deixar minha contribuição para a área.

A presente pesquisa se inscreve na Linguística Textual e estabelece uma interface com a Análise da Argumentação do Discurso, proposta por Ruth Amossy, que considera a argumentação como inerente ao discurso. Nessa perspectiva, todo texto é argumentativo; o que os difere são os modos de argumentar. Sendo assim, o trabalho com o gênero fábula pode contribuir com o ensino de língua portuguesa na escola, na medida em que busco esclarecer as estratégias de textualização por meio das quais o locutor busca influenciar/persuadir seu auditório.

O objetivo deste trabalho é analisar como a sequência textual narrativa funciona no gênero fábula como estratégia argumentativa. Refletirei sobre a função social do gênero fábula, considerando que esses textos buscam orientar o comportamento do interlocutor,

principalmente por meio da moral da história. Mais especificamente, a presente pesquisa visa identificar o teor argumentativo em um texto do gênero fábula animada e as estratégias que o locutor utiliza para convencer o espectador dessa narrativa. Para isso, a fundamentação teórica se dedica a expor a noção de sequência narrativa de Jean-Michel Adam e a Abordagem da Argumentação no Discurso (AAD) de Ruth Amossy, a fim de seguir a proposta de Macedo (2018), de estabelecer uma interface entre a AAD e a Linguística Textual.

## **2 ARGUMENTAÇÃO RETÓRICO-DISCURSIVA**

Na história, o uso da palavra sempre teve muita importância para que uma conversação alcançasse seu objetivo. Muitas transformações ocorreram nesse sentido devido às constantes mudanças na sociedade, as opiniões divergem sobre um determinado assunto ou questão. Assim, o presente trabalho vai discorrer sobre argumentação no discurso com base nos estudos de Ruth Amossy, que considera que a argumentação é parte integrante do discurso.

Vários estudos têm sido realizados sobre a argumentação, um campo muito promissor que ainda será motivo para muitas discussões teóricas. Para Amossy, a argumentação é inerente à atividade discursiva e os “discursos” (na verdade, os textos) podem manifestar diferentes modos de argumentatividade (MACEDO, 2018). Dessa forma, deve-se considerar a argumentação e suas manifestações discursivas.

É importante falarmos das origens da argumentação retórica, para saber como a arte de persuasão se dava na antiguidade clássica. A arte da persuasão, do discurso público com a finalidade de influenciar, é atribuída a Aristóteles, em contrapartida, outro discurso usado na época era o da Poética, usado para fins literários. Sendo assim, Aristóteles deixa evidentes essas duas linhas de pensamento, uma voltada para o campo retórico e uma para o campo poético. Aristóteles toma a Retórica como uma ferramenta de grande utilidade e passa a questionar a finalidade com que ela era concebida.

Em 1958, Perelman e Olbrechts-Tyteca publicaram o *Tratado da argumentação: a nova retórica*, a obra que define argumentação como “as técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que são apresentadas ao seu assentimento” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1970, p. 5).

A partir dos estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca, a Retórica passa a ser chamada de nova Retórica, por terem incorporado uma modernização na teoria da argumentação. Foi

então que vários grupos de teóricos em suas várias áreas do conhecimento começaram a explorar os estudos sobre a teoria e um grupo que se destacou foram os linguistas.

Duas teorias que ofereceram uma contribuição bastante significativa ao vasto campo dos estudos da argumentação foram, sem dúvida, a de Aristóteles e a de Perelman, para as quais a noção de influência (que Perelman trata como condicionamento) do orador sobre o auditório é central. O auditório é, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 22, grifo dos autores), “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação”. Perelman considera que o auditório é uma construção do próprio orador e que, portanto, a influência que este quer exercer naquele dependerá, antes de tudo, do modo como esse orador projeta seu auditório, considerando suas crenças, suas preferências, seus valores.

Para Macedo (2018), a relevância do auditório é tão central na retórica clássica que os gêneros aristotélicos foram definidos em função dos papéis exercidos por ele em cada um. Portanto, a noção de auditório tem papel importantíssimo na argumentação.

Na chamada Retórica Clássica três elementos devem ser considerados para que um discurso possa persuadir seu auditório: *logos* (raciocínio), *pathos* (emoções a serem despertadas no auditório) e *ethos* (imagem do orador). O *logos* tem a ver com os argumentos presentes no discurso; o *pathos* está diretamente ligado às emoções que o orador pretende desencadear no auditório; o *ethos* diz respeito à imagem que o orador faz de si, suas características que ele apresenta no momento do discurso.

Amossy (2011), então, propõe uma aliança da Retórica com a Análise do Discurso francesa de viés não materialista. Em uma visão mais contemporânea, Amossy entende que a argumentação consiste não somente na tentativa de levar o outro a aderir a uma tese, mas também na tentativa de orientar os modos de ver, de sentir e de pensar do outro.

Segundo Macedo (2018, p. 43), “essa constatação, de base enunciativa e pragmática, resultou na distinção entre *visada argumentativa* e *dimensão argumentativa*, a partir da qual é possível pensar em modos de organização (ou modalidades) da argumentatividade no discurso.” Um discurso com visada argumentativa é um discurso que possui estratégias de persuasão, por exemplo, o artigo de opinião, os debates televisivos, entre outros. Já um discurso com dimensão argumentativa, para Amossy (2011, p. 131), é todo discurso que orienta os modos de ver do(s) Parceiro(s).

Essa distinção entre visada argumentativa e dimensão argumentativa dá o tom de uma análise argumentativa preocupada com a elaboração de um quadro teórico e metodológico que permita apreender a argumentação em suas dimensões propriamente discursivas, nos mais variados *corpora* (MACEDO, 2018, p. 46).

O objetivo da argumentação retórica é, em última instância, persuadir o auditório, de modo a predispor-la à ação, e é isso que faz com que Amossy considere que todo dizer é argumentativo. Para a nova retórica, a argumentação é fazer uso de “meios verbais” para levar o auditório a aderir a uma tese ou aumentar a adesão do auditório a essa tese.

Portanto a proposta de Amossy consiste em apreender os diferentes modos de argumentatividade nos textos, utilizando, para isso, instrumentos analíticos das ciências da linguagem. Com base na tese de Macedo (2018), este trabalho pretende analisar como a sequência narrativa pode ser vista como estratégia de persuasão em uma fábula animada.

### 3 SEQUÊNCIA TEXTUAL NARRATIVA

Para base desta seção, procuraremos nos prender nos estudos de Jean-Michel Adam, que tem uma visão mais contemporânea sobre os textos. Adam trouxe contribuições relevantes para o campo da linguística do texto, uma das significativas contribuições foi reduzir as tipologias textuais em apenas cinco sequências, dentre elas a sequência narrativa. Conforme o autor, “Todo texto é o traço linguageiro de uma interação social, a materialização semiótica de uma ação sócio-histórica de fala. A narração, a descrição, a argumentação, a explicação e o diálogo são formas que esse comportamento discursivo pode tomar” (ADAM, 2019, p.33). Para ele, texto e discurso são dois objetos inseparáveis.

Para Macedo (2018, p.89), o texto é uma abstração de coerência, uma totalidade cuja coerência textual, os possíveis sentidos de um texto são construídos no decorrer de uma interação entre sujeitos sociais que mobilizam contextos sociocognitivos tanto para produzi-lo como para compreendê-lo” (MACEDO, 2018, p. 89). O produtor de um texto é, portanto, ao menos em parte, um estrategista, que projeta seu texto conforme a projeção que faz de seu(s) leitor(s).

Para uma melhor compreensão sobre texto, abordaremos a noção de plano de texto segundo Jean-Michel Adam:

Os planos de texto desempenham um papel fundamental na composição macrotextual do sentido. Correspondem ao que a retórica colocava na *disposição*, parte da arte de escrever e da arte oratória que regrava a ordenação dos argumentos tirados da *invenção*. O plano oratório clássico compreende, inicialmente, um *exórdio* (cujo objetivo é interessar o auditório), seguido de uma *proposição* (causa ou tese resumida do discurso), com sua *divisão* (anúncio do plano). O desenvolvimento tem como parte principal a *confirmação* (que prova a verdade avançada na proposição), a qual pode ser precedida por uma *narração* (exposição dos fatos) e seguida por uma *refutação* (rejeição dos argumentos contrários). A *peroração* (conclusão que comove o auditório) completa esse conjunto. (...).

Esse modelo retórico, no entanto, não dá conta da variedade dos planos de texto possíveis. (ADAM, 2011, p. 257-258, grifos do autor).

Portanto, o plano de texto é a maneira como um texto se organiza quanto a sua estrutura e sentidos. Ainda segundo Adam, o plano de texto “é fator unificador e obrigatório das estruturas composicionais” (MACEDO, 2018, p. 129). Desse modo, toda organização que um texto traz em sua composicionalidade será importante para a construção dos sentidos.

Veremos essa construção de plano de texto em evidência nas sequências textuais narrativas. Segundo Adam (2019), a narrativa foi a “unidade textual mais trabalhada pela tradição retórica” e continua muito forte nos textos atuais. Como citado anteriormente sobre a composicionalidade de um texto, é relevante conhecer essa estrutura, uma vez que ela auxiliará numa melhor compreensão de um texto.

Segundo Bremond (1966, p. 62), “toda narrativa consiste em um discurso que integra uma sucessão de acontecimentos de interesse humano na unidade de uma mesma ação. Onde não há sucessão, não há narrativa” (apud ADAM, 2019, 114). Uma narrativa tem por finalidade chamar atenção do leitor, prendê-lo aos seus acontecimentos.

Adam (2019, p. 114) diz que, para que haja narrativa, é necessária uma sucessão mínima de acontecimentos ocorrendo em um tempo  $t$  depois  $t+n$ . Logo, podemos dizer que existem elementos necessários para que ocorra uma narração; mais adiante, abordaremos cada um deles. Adam (2019) aponta “seis constituintes” que aparecem em uma narrativa, são eles: sucessão de acontecimentos, unidade temática, predicados transformados, unidade de um processo, causalidade e, por último, uma avaliação final (explícita ou implícita). Esses constituintes ajudam a organizar de maneira composicional uma narrativa.

Com relação ao primeiro constituinte, ele está relacionado com a temporalidade, pois toda narrativa acontece num tempo. Segundo ele, “esse critério de temporalidade não é definitivo”; para que ocorra a temporalidade, ele diz que é necessária “uma tensão que organize a situação em função da situação  $t+n$ ” (ADAM, 2017, p. 119).

Quanto à “unidade temática”, é necessário que se tenha “a presença de um ator”, fator fundamental que ele chama de “implicação do interesse humano” (ADAM, 2019, p. 115). Predicado transformado refere-se à ideia “de predicados de estar, de ter ou de fazer, definindo (...) assim o início da sequência e o fim da sequência” (ADAM, 2019, p. 116). Sobre o que ele chama de “unidade de um processo”, é necessário haver uma relação “incorporação”, “Uma unidade acional que forma o todo da narrativa” (MACEDO, 2018, p. 143). “para que haja narrativa é necessária uma transformação de predicados ao longo do processo. A noção



de processo permite precisar o componente temporal, abandonando a ideia de simples sucessão temporal dos acontecimentos”(ADAM,2019, p. 118).

Segundo Adam(2017, p.132),o que caracteriza uma narrativa é a “causalidade e o estabelecimento da intriga” e,por último, o que chamamos de “moral”, ou seja, a compreensão da narrativa, o sentido.Para Macedo(2019, p.143),

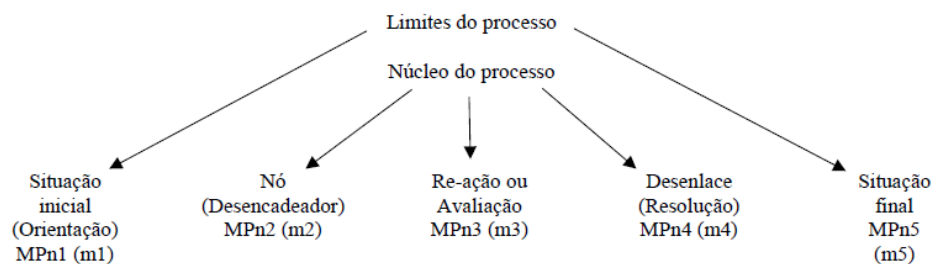
Uma trama narrativa, portanto, não consiste tão somente em uma sucessão de ações.É necessário haver um processo pelo qual uma situação(inicial)  $t$  seja transformada em uma situação(final)  $t+n$ . Para que isso ocorra, os seis critérios de narrativização elencados acima devem ser integrados.

Segundo Macedo (2018) para que se tenha uma narrativa não basta ter somente a “sucessão de ações”, mas é necessário que se tenha um processo, afim de que, uma situação inicial, possa ser transformada em uma situação final. Esse processo é composto por cinco macroproposições que caracterizam o gênero como narrativo. Vejamos como cada uma se constrói na fábula que usaremos para exemplificar nosso trabalho. Com base no esquema quinário proposto por Adam

A estrutura que se refere é a representada no esquema abaixo. Com a visualização dessa estrutura é possível ver onde cada unidade se encontra em um texto tipicamente narrativo.

### FIGURA 1: ESQUEMA QUINÁRIO

Esquema 5 – Esquema quinário da sequência narrativa



Fonte: Adam, 2017, p. 128.

Fonte: ADAM, 2017.

Para Cavalcante (2012, p. 65), a sequência narrativa tem como principal objetivo manter a atenção do leitor/ouvinte em relação ao que se conta. Com base nessa estrutura, nosso objetivo é analisar um texto do gênero fábula e refletir sobre o caráter

argumentativo da sequência narrativa, predominante nesse gênero. Esse gênero de discurso encena uma lição, um princípio ético, político ou literário que se depreende facilmente – são as chamadas verdades gerais, inerentes à humanidade, à experiência de vida, à noção filosófica do bem e do mal (PORTELLA, 1983).

Na próxima seção, iremos expor os procedimentos de análise da argumentação no discurso e plano de texto, buscaremos exemplificar esse diálogo com base numa análise textual da sequência narrativa exemplificando com o gênero fábula.

Com relação ao plano de texto é determinado pelo gênero. Segundo Adam(2011), “o reconhecimento do texto como um todo passa pela percepção de um plano de texto, com suas partes constituídas, ou não, por sequências identificáveis”. Para Catelão e Cavalcante(2017), um plano de texto corresponderia, então, a um conjunto organizado de enunciados, estes dispostos e hierarquizados segundo parâmetros historicamente determinados. Logo a forma como um texto se organiza, sua estrutura ajudam no entendimento e na construção dos sentidos.

#### **4 METODOLOGIA**

Essa pesquisa é uma pesquisa básica estratégica, foi usado o método de pesquisa descritiva uma abordagem qualitativa hipotético-dedutivo de levantamento bibliográfico. Para fundamentar esta pesquisa tomamos como referência os estudos de Amossy (2018), a tese de Macedo(2018), os estudos de Adam (2019) e os pressupostos de Portela (1983), além de outros. Foi escolhida uma fábula da esfera midiática que trata da temática sobre a corrupção, retirada do you tube um curta de 8 min. do Dir. Lisandro Santos, lançada pela controladoria Geral da União (CGU) em parceria com a UNODC-escritório das nações unidas sobre drogas e crime.

Feita a transcrição da fábula, buscando primeiramente fazer uma leitura acerca da fábula com a finalidade de conhecer a sua estrutura e suas particularidades. Analisar seus aspectos com relação à narração e a argumentação, descrever as estratégias argumentativas, analisar o poder de persuasão que a fábula possui em sua composição e suas especificidades do texto e posteriormente as marcações das macroproposições conforme a teoria de Adam(2019).

#### **5 ANÁLISE DO TEXTO**

Amossy considera que todo texto é argumentativo o que é diferente são os modos de argumentação. Segundo ela considerando o princípio pragmático de que tudo o que se diz tem em a função de provocar no outro uma pré-disposição para uma ação, levar o outro a aderir a uma tese e que todo texto seja ele oral ou escrito vim ter uma tese ou não, um posicionamento, um ponto de vista. Por isso que ela considera que argumentação é um fenômeno intrínseco a linguagem.

Desta feita para uma melhor compreensão do que acabamos de ver sobre a questão da argumentação no discurso e plano de texto tomaremos como exemplo as narrativas.

Com base nessa estrutura nosso objetivo é analisar o gênero fábula. O gênero fábula é uma narrativa curta, conforme Portela (1983) de “narração breve em prosa ou em verso.” Esse gênero encena uma lição, um princípio ético, político ou literário que se depreende facilmente – são as chamadas verdades gerais, inerentes à humanidade, à experiência de vida, à noção filosófica do bem e do mal (PORTELLA, 1983). No que tange a estrutura composicional do gênero fabula pode-se dizer que se trata de um plano de texto fixo de uma sequencialidade encaixante. A sequência narrativa fábula possui partes que constituem o conjunto todo e que possui encadeamentos que são necessários para a composição do gênero.

Vejamos como uma sequência narrativa se organiza estruturalmente. Segundo Adam (2011) enfatiza que um texto pode se constituir a partir de uma sequência dominante e de varias sequências diferentes nela inseridas. É o que acontece, por exemplo, com o gênero fábula as chamadas macroproposições

Antes de dar inicio a análise propriamente dita da fábula, é imprescindível saber o conteúdo textual que nela está inserido, a orientação que nela está contida, ou seja, a condensação da historia. A fábula usada será a “A fábula da corrupção” pelo título já se tem uma ideia do assunto que será abordado na fábula.

A fábula escolhida irá abordar justamente a corrupção como meio para benefícios próprios de alguns dos personagens. O texto que vamos analisar faz parte do gênero fábula da esfera midiática. Trata-se de um gênero bastante conhecido pelo seu formato, por ser uma narrativa de leitura “breve”. A fábula da corrupção se apropriou da ideia do gênero fábula usando animais, mas que tem comportamentos dos humanos, colocando dentro da narrativa da qual se extrai uma lição morale ética. E é justamente essa lição é o que condensa a ideia da narrativa. Sem esquecer que tem toda uma sequência de acontecimentos que levam a construção dessa lição.

As macroproposições presente no gênero fábula é que vai orientar argumentativamente o texto. Abordaremos cada um mostrando dentro da fábula a importância

de cada macroproposição, a intencionalidade das partes na construção dos sentidos da fábula da corrupção. Nas colocações de Macedo(2018), as sequências narrativas orientam o modo de ver do leitor, nesse caso aqui sobre a corrupção.

Com relação ao plano do texto, como já dito anteriormente, a sequência predominante é a narrativa na fábula, se for pensar na planificação do texto, observa-se que a lição de moral que aparece no final da historia ela é construída ao longo da narrativa. Logo podemos dizer que o todo do texto, o plano do gênero como um todo que orienta argumentativamente o olhar do locutor.

Vejam como identificar cada macroproposição numa narrativa do gênero Fábula: a macroproposição inicial chamada de “situação inicial”vai nos dar uma introdução, o inicio da historia que será narrada, é o momento que será apresentado os personagens, os fatos iniciais. Segundo Adam 2019, p.119:

Em seu artigo *Thématique*, de 1925, B.V Tomachevski assim define essa primeira unidade narrativa: “A situação inicial exige uma introdução narrativa. A narrativa das circunstancias que determinam o estado inicial dos personagens e de suas relações chama-se exposição”(1965: 275).

É justamente na situação inicial que o leitor irá se situar na historia. Quanto a segunda macroproposição Adam (2019, p.120), o conjunto das causas que violam a imobilidade da situação inicial e que desencadeiam a ação chama-se Nó, ou seja, é a partir daí que o enredo se desenvolve.

A macroproposição Re-ação Adam chama de “o coração do episodio”, o momento ápice da historia é o que vai nortear as outras partes da historia. Já o Desfecho pode-se considerar que é a resolução. Por fim a situação final da historia com todos os finais possíveis.

Abaixo analisaremos a composicionalidade da narrativa de acordo com a Teoria de Adam e de que maneira argumentativamente essa fábula orienta o modo de ver do locutor. Ao verificar as partes que compõem uma narrativa a fábula da corrupção está organizada da seguinte maneira:

A fábula abaixo foi retirada da página da controladoria-Geral da União- CGUO Curta-metragem de 8 minutos é uma realização da Controladoria-Geral da União em parceria com o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC).

## **FIGURA 2: CAPA DO LIVRO A FÁBULA DA CORRUPÇÃO**



FONTE: UNODC, 2010.

### “A Fábula da corrupção”

“João era um bom homem e um honesto comerciante  
 E na estrada onde vivia passavam muitos viajantes  
 Tirava seu sustento de um pequeno mercadinho  
 E com esse negocio prosperava “devagarinho”  
 João era dono de um cão;  
 Bom companheiro que afugentava qualquer ladrão  
 Também tinha um gato muito esperto  
 Um ótimo caçador de ratos

#### -Situação inicial(orientação)MPn1(m1)

Mas mesmo com a vigilância do gato João  
 Sempre sumia um pedaço de queijo ou um naco de pão;  
 Apesar da harmonia entre todos os moradores  
 Nada podia evitar os pequenos furtos dos roedores  
 Há e já ia me esquecendo do jumento  
 Que servia de montaria quando João buscava mantimentos  
 Antes de cada viagem  
 João sempre pedia que o cão e o gato  
 Cuidassem daquela humilde moradia  
 Pois, todos eles sabiam que dependiam do armazém  
 E os bichos prometiam que ficaria tudo bem  
 Um dia, caiu de uma carroça  
 Um ratão que vinha da cidade  
 E se juntou aos outros ratos sem fazer amizade  
 Foi logo reclamando da pouca comida  
 E dizendo que a toca era fria e fedida;  
 Os ratos botaram a culpa no gato miserável  
 Por não terem mais comida  
 Nem uma toca confortável  
 Eles acharam que aquele ratão forasteiro  
 Sabia das coisas por conhecer o mundo inteiro  
 Mas o ratão mentia para parecer importante  
 Ele só conhecia os esgotos da cidade grande

#### Nó(Desencadeador) MPn2(m2)

O ratão tinha um grande truque que chamava de jeitinho  
 E disse que com ele conseguia tudo rapidinho  
 Então saiu da toca e foi conversar com o gato  
 Todos ficavam admirados com a bravura daquele ato,

Até o gato ficou surpreso quando viu o ratão  
 Que chamou o felino pra perto fazendo um gesto com a mão  
 O gato desconfiado quis saber a intenção do bicho  
 O ratão na orelha do gato falou num cochicho  
 Você cuida de uma comida que não é sua, seu tonto  
 Então porque não fazemos um acordo e pronto  
 O ratão voltou com muita comida pra dentro da toca  
 Os ratos comeram tudo antes de saberem qual foi a troca  
 Depois da festa o ratão disse qual era o trato  
 Eles teriam mais comida sempre que desse um ratinho ao gato  
 -É o preço disse o ratão!  
 E seguiu uma enorme discussão  
 Um dos ratos ficou muito bravo  
 E disse que não aceitava aquele conchavo  
 Que na era justo, não era ético, não é direito;  
 Pro seu azar só ele pensava daquele jeito  
 Foi jogada portafora e rapidamente engolido  
 Assim o acordo entre as partes foi rapidamente cumprido  
 O chefe dos ratos agora era o ratão,  
 Pois foi dele a ideia da condenação  
 O gato ficou orgulhoso da sua malandragem  
 E foi até a casa do cão pra contar vantagem  
 Mas o cão quis tirar proveito da situação  
 E propôs um acordo pra não contar nada pra patrão  
 Ele estava cansado de sempre comer choriço  
 E achava que merecia mais pelo seu serviço;  
 Como nunca entrava na casa,  
 Só vigiava do lado de fora  
 Mandou o gato trazer comida pra ele a partir de agora  
 Só que pra isso o gato teria que roubar do João  
 E pra não ser desmascarado fez a vontade do cão  
 Quando João voltou da sua jornada  
 Não percebeu a nova rotina da bicharada  
 Os ratos iam até a dispensa pegar comida sem preocupação  
 O gato ganhava um rato e levava escondido o lanche do cão  
 João ficou espantado com a rapidez que acabaram os alimentos  
 E teve que ir até a cidade buscar mais mantimentos  
 Enquanto isso os ratos se mudaram pra perto do fogão  
 E o gato passou a ganhar dois ratos no novo acordo com o ratão  
 O cão quando soube não quis ficar pra traz  
 Pediu pra aumentar sua parte um pouco mais  
**Re-ação ou Avaliação MPn3(m3)**

João não era muito inteligente, mas percebeu que tinha algo diferente  
 As mercadorias foram acabando  
 Mesmo sem ter muita gente comprando  
 E toda vez que voltava de viagem  
 Sempre tinha um erro na sua contagem  
 Por isso ia à cidade mais vezes que gostaria  
 E levando menos dinheiro, trazia menos mercadoria  
 Foi perdendo cliente por deixar o mercadinho fechado  
 Ou quando estava aberto o que queriam já tinha acabado  
 Quanto mais os ratos comia, mas a toca esvaziava  
 O gato queria mais ratos; porque combinado já não bastava  
 O cão por sua vez, comia mais do que podia  
 E passou a desejar uma coisa que só aos homens pertencia  
 Chamou o gato e pediu bem faceiro  
 O que nenhum animal queria dinheiro!  
 O gato não gostou daquilo, mas ficou com medo do cão  
 E passou a roubar o caixa bem embaixo do nariz do João

O cão não sabia direito pra que o dinheiro servia  
 Então enterrava tudo o que o gato trazia  
 João foi ficando mais pobre e desgostoso da vida  
 Perdeu noites de sono, mas não achava saída  
 Decidiu vender a casa e pegar a estrada  
 Conseguiu quitar as dividas... Rum  
 Mas ficou sem nada  
 Sem poder sustentar os bichos  
 Abandonou o cão e o gato  
 Que ficaram pra trás junto com ratão, o ultimo rato  
**Desfecho(Resolução)MPn4(m4)**

João subiu no jumento e seguiu viagem  
 Era o único bicho sem custo, pois só comia pastagem  
 Os três sem saber pra onde ir, ficaram ao relento  
 Mas o gato era o único que sentia algum arrependimento;  
 O ratão partiu primeiro se embrenhando no mato  
 O cão lembrou-se do dinheiro e disse a deus ao gato  
 Com o que guardou achou que não passaria fome ou frio  
 Só que quando chegou no esconderijo  
 O buraco estava vazio  
 Como não tinha dono o cão foi pego pela carrocinha  
 O gato aprendeu a dividir comida na casa de uma velhinha  
 O ratão em outro armazém foi botar em pratica seu plano  
 Mas encontrou um gato honesto e virou almoço do bichano  
 João abriu outro negocio com novos animais de estimação  
 Como ele conseguiu o dinheiro?  
 O jumento tem a explicação  
 Na estrada assim que partiram o jumento falou baixinho  
 Que viu tudo que os bichos aprontaram  
 Mas não quis meter o focinho  
 Agora estava arrependido de ter ficado calado  
 E queria mostrar pra João onde o dinheiro estava enterrado  
 Não era muito que o cão escondeu  
 Mas João não teve medo de começar de novo  
 Só teria mais cuidado da próxima vez e aconselhava isso ao povo  
**-Situação final MPn5(m5)**” (UNODC, 2010, s/p)

De acordo com as marcações da narrativa a primeira macroproposição mostra o estado inicial, situando o leitor: “João era um bom homem e um honesto comerciante na estrada onde vivia passavam muitos viajantes”.Em seguida, temos o Nó: “Sempre sumia um pedaço de queijo ou um naco de pão”.A partir daí começa se dá a Re-ação da historia: “O ratão tinha um grande truque que chamava de jeitinho e disse que com ele conseguia tudo rapidinho,então todo um plano é posto em ação”. Com relação ao Desfecho uma serie de resolução aparece: “João não era muito inteligente, mas percebeu que tinha algo diferente; As mercadorias foram acabando (...)”.Assim a fábula é finalizada com a partida do João: “João subiu no jumento e seguiu viagem”. Era o único bicho sem custo, pois só comia pastagem; que vai embora deixando para traz o gato, o rato e o cão e para cada personagem a historia tem um final. Traz uma moral que fica subentendido.

Essa história narrada na fábula da corrupção reforça um “mal comportamento” da sociedade que é conseguir vantagens, valendo-se de privilégios, usando pessoas para conseguir realizar algum capricho. A historinha mostra um desvio de conduta dos personagens, assim como acontece com os humanos. No final da história, vemos o que acontece com aqueles que usam de subterfúgios para obter algo de maneira errônea.

Compreender a intencionalidade do gênero, o seu teor educativo posto na moral, seus planos discursivos são fatores determinantes. Na fábula da corrupção, suponha-se que o locutor compartilha dos mesmos valores trazidos na fábula, é nítida que o locutor tem como parâmetro de vida valores como a ética, a honestidade e a justiça, logo ele supõe que seu auditório também compartilha desses valores.

Com relação ao plano do gênero, ele busca orientar o locutor argumentativamente, não é só na moral, mas o plano todo do texto busca influenciar o auditório, ou seja, a lógica que se desenrola na fábula é que vai nortear essa orientação argumentativa. Conforme Macedo (2018, p. 147),

A sequencialidade narrativa pode, como vimos, orientar o ponto de vista do interlocutor na medida em que apresenta a este uma certa representação do mundo, que não é a única representável possível, mas sim a que pode ser mais persuasiva em relação aos objetivos pragmáticos do texto.

As possíveis orientações argumentativas presente na narrativa nos dão uma ideia de comportamentos certos *versus* comportamentos inadequados, mas vale ressaltar que não se trata de uma ideia acabada, fechada. Uma vez que para alguém essas condutas são consideradas justas para outros não.

Quanto à textualidade do gênero fábula há várias possibilidades de estratégias de argumentação, considerando a variedades de temáticas que podem ser abordadas nesse tipo de gênero. MACEDO (2018, p. 83 e 84) a ideia de que todo texto possui uma orientação argumentativa, então, nós é bastante pertinente porque converge, ao menos em parte, para a AAD segundo o qual a argumentação é inerente ao discurso, de modo que todo discurso comporta, portanto, uma dimensão argumentativa. Assumindo esse ponto de vista podemos dizer que todo texto possui na sua dimensão uma tentativa de persuadir o sujeito, observado assim na fábula, já que, sempre ao final ela traz uma moral da historinha contada buscando contextualizar com alguma realidade. Com isso abrindo espaço para o discurso apontando assim vários direcionamentos no campo discursivo. No caso da fábula da corrupção traz para a discussão um tema bastante atual na sociedade brasileira.



Portanto, ao lermos uma fábula, levando em consideração sua planificação textual, sua composicionalidade, suas estratégias de persuasão, verificaremos que seu conjunto de ideias, trabalhado desde o início da narrativa, contribui para a formação da opinião ou posicionamento do seu interlocutor e que sua instrução não está só na moral, mas no texto todo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, foi possível fazer uma reflexão sobre a argumentação no discurso tomando como base os estudos de Ruth Amossy, que considera que argumentar é não somente defender uma tese, por meio de argumentos, mas também buscar orientar, pela linguagem verbal, os modos de ver, de sentir e de pensar do interlocutor. Passando pela antiguidade clássica pudemos observar como se dava a chamada “arte da persuasão”, que tinha por finalidade influenciar o seu auditório. Aristóteles passa então a contestar a maneira como a retórica era concebida. Alguns anos mais tarde, precisamente em 1958 surgem nesse meio os estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca que revolucionaram os estudos sobre a argumentação. Eles a denominaram de Nova Retórica, nessa teoria eles tomam como fator central o auditório. Para Perelman o auditório é uma construção do próprio orador. Macedo (2018, p.27) diz que “é sempre em função do auditório que se quer persuadir que se constrói um texto”, logo consideramos que o auditório tem em sua totalidade um papel significativo na argumentação.

Amossy então sugere um acordo entre os estudos da nova retórica com a argumentação no discurso, passa a considerar que em se tratando de argumentação deve-se levar em consideração as estratégias de argumentação que são usadas em um texto seja ele oral ou escrito, a fim de que possa levar o outro a aderir a uma tese. Amossy (2005) defende que a retórica pode ser reorientada por uma abordagem que a considere como um ramo da AD e o sujeito passaria então a receber uma redefinição. Nas palavras de Macedo (2018, p.40) “no âmbito na AAD o sujeito seria considerado conforme o papel social que desempenha”.

É nessa perspectiva que a argumentação consiste em apreender os diferentes modos de argumentar nos textos que escolhemos trabalhar com uma das categorias textuais de Adam (2019) a sequência narrativa para exemplificar essa sequência usamos uma fábula que apesar de ser um texto predominantemente narrativo, mas também tem em sua intencionalidade uma estratégia argumentativa.

Portanto, concordamos com a ideia de que o todo do texto que orienta o olhar do interlocutor pode perceber isso de maneira contundente na fábula analisada a sua intenção de tentar persuadir o seu interlocutor mesmo que de maneira implícita, uma vez, que a moral da história não apareceu de forma concreta no final, mas a intenção de persuadir permeia por toda narrativa. Com tudo a nossa pesquisa deixa um espaço para diálogo mais profundo com Análise do Discurso (AD), no âmbito da análise argumentativa no discurso (AAD), nos faltou tempo para nos aprofundar no assunto com tão vasto questionamento. Sabemos que este é apenas o início de uma ampla discussão acerca do tema aqui abordado e que proporcionará questionamentos que emergirão de futuros trabalhos.

## REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-michel. **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. **Textos: tipos e protótipos**. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante...[et al]. São Paulo: Contexto, 2019. 320 p.

AMOSSY, Ruth. **Argumentação e Análise do Discurso: Perspectivas teóricas e recortes disciplinares**. Tradução de Eduardo Lopes Pires e Moises Olimpio Ferreira. EID&A-Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilheus, n 1, p.129-144, nov. 2011

CABRAL, A. L. T. **O conceito de plano de texto: contribuições para o processo de planejamento da produção escrita/the text plan concept: contribution to the writing planning process**. Linha d'Água, n. 26 (2), p. 241-259, 2013

FIGUEIREDO. Candido de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1913

LIMA, Marcos Aurélio de. **A retórica em Aristóteles: da orientação das paixões ao aprimoramento da eupraxia**. Natal: IFRN, 2011.

MACEDO. Patricia S. Almeida de. **Análise da argumentação no discurso: uma perspectiva textual**. Tese (Doutorado) -Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2018.

MARQUESI, Sueli Cristina; ELIAS, Vanda Maria; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. **Planos de texto, seqüências textuais e orientação argumentativa. Linguística Textual e Ensino**.

PAULINELLI, Maysa de Pádua Teixeira. Retórica, argumentação e discurso em retrospectiva. **Linguagem em (Dis)curso**– LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 2, p. 391-409, maio/ago. 2014.

PORTELLA, O.O. **A fábula**. *Revista Letras*, Curitiba, v. 32, p.119-138, 1983.

SENA, G. C. A; FIGUEIREDO, M. F. **Um estudo da Teoria da Argumentação da Retórica Aristotélica à Teoria dos Blocos Semânticos**. Diálogo das Letras, Pau dos Ferros, v. 02, n. 01, p. 4 – 23, jan./jun. 2013.

UNODC. **A FÁBULA DA CORRUPÇÃO. 2010.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a8423f6Aw1A&t=2s>. Acesso em 10/2019.